

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.531>

JESÚS SILVA HERZOG: um intelectual entre o Estado e a cultura¹

JESÚS SILVA HERZOG: An intellectual between the state and the culture

JESÚS SILVA HERZOG: um intelectual entre el estado y la cultura

MARIA ANTONIA DIAS MARTINS

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora do curso de História do Centro Universitário Fundação Santo André

Santo André, SP

mariaantonia.dm@uol.com.br

Resumo: Neste artigo procuraremos analisar a trajetória do economista Jesús Silva Herzog e sua relação com o Estado Mexicano através do exercício de diversos cargos, inclusive uma rápida experiência como diplomata. Também será apresentada a participação de Silva Herzog na criação da revista *Cuadernos Americanos* e da editora *Fondo de Cultura Económica* – dois importantes espaços de sociabilidades intelectuais e de difusão de ideias e posições políticas. O período abordado vai de 1926 a 1946, compreendendo os anos em que Herzog ocupou postos na administração pública federal mexicana.

Palavras-chave: História da América Latina. História Intelectual. Jesús Silva Herzog

Abstract: In this article we will analyze the trajectory of the economist Jesús Silva Herzog and his relationship with the Mexican State through the exercise of various positions, including a brief experience as a diplomat. It will be also presented the participation of Silva Herzog in the creation of the magazine ‘*Cuadernos Americanos*’ and the Publisher ‘*Fondo de Cultura Económica*’ – two important spaces of intellectuals sociabilities and of dissemination of ideas and political positions. The period is approached from 1926 to 1946, including the years in which Herzog occupied posts in the Mexican Federal Public Administration.

Keywords: American Latin History. Intellectual History. Jesús Silva Herzog.

Resumen: En este artículo vamos analizar la trayectoria del economista Jesús Silva Herzog y su relación con el Estado de México mediante el ejercicio de varios cargos, entre ellos una experiencia rápida como diplomático. También se presentará la participación de Silva Herzog en la creación del periódico *Cuadernos Americanos* y la editorial *Fondo de Cultura Económica* - dos áreas importantes de sociabilidad intelectual y de la difusión de ideas y posiciones políticas. El período abordado es de 1926 a 1946, incluyendo los años en que Herzog ocupado cargos en el gobierno federal mexicano.

Palabras clave: Historia Intelectual. História da América Latina. Jesús Silva Herzog.

¹ Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2015 e aprovado para publicação em maio de 2016.

Introdução

O economista Jesús Silva Herzog deixou marcas no campo intelectual mexicano e da América Latina no século XX. Suas contribuições mais significativas referem-se à interpretação da Revolução Mexicana e os estudos econômicos – principalmente da questão agrária e petrolífera. Colaborou com a gestão da editora *Fondo de Cultura Económica* e foi diretamente responsável pela criação da revista *Cuadernos Americanos*, dois importantes marcos na divulgação de obras e ideias na Ibero-américa.

Ao analisarmos a vida deste homem, um aspecto desperta atenção: sua relação com o Estado Mexicano, particularmente com os governos revolucionários² no período de 1926 a 1948. Silva Herzog faz parte de uma geração de intelectuais que conciliou o trabalho acadêmico com o exercício de cargos públicos. Os estudos que realizou para subsidiar decisões na área governamental possibilitaram também seu reconhecimento no campo científico.

Formado pela Escuela Nacional de Altos Estudios (integrava a Universidad Nacional de México), em 1935 colaborou para a criação da Escola de Economía da UNAM³. Liliana Weinberg⁴ afirma que a preocupação de Silva Herzog com a economia política permitiu que construísse redes de sociabilidades e se convertesse em um dos elementos chave que permitiram a renovação de várias áreas do governo e instituições acadêmicas.

Segundo Carlos Altamirano⁵, observa-se na América Latina do século XX a presença de escritores, criadores ou difusores da cultura, acadêmicos agindo como atores políticos e que, no debate público, assumem o papel de consciência do seu tempo, intérpretes da nação ou voz de seu povo.

A forte inserção dos intelectuais mexicanos, como Jesús Silva Herzog, nos meandros do poder através de cargos públicos reforça as observações de Altamirano sobre o imbricamento entre atores intelectuais que também agem como atores políticos. Essa

² Por Governos Revolucionários entendemos os governos de Venustiano Carranza (1915-1920) ao de Avila Camacho (1940-1946). Ver: CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. *À sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

³ É importante observar que a Universidad Nacional de México foi criada em 1910; sua autonomia só foi conquistada em 1929 quando tornou-se UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México.

⁴ Liliana Weinberg cita, além de Jesús Silva Herzog, Daniel Cossío Villegas como intelectuais que pertenciam a uma geração de homens públicos que se afastaram do exercício de uma carreira tradicional para dedicar-se a economia e história com um sentido político. Ver: WEINBERG, Liliana. El encuentro de un escritor y una revista: Alfonso Reyes y Cuadernos Americanos. In: CRESPO, Regina (Coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México D.F.: CIALC/EÓN, 2010. p. 293-317.

⁵ ALTAMIRANO, Carlos (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. II Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 9-28.

interligação foi fundamental para a consolidação de projetos culturais, como a revista *Cuadernos Americanos* e a editora *Fondo de Cultura Económica*.

Jesús Silva Herzog e o Estado Mexicano

A relação entre intelectuais e políticos é um campo fértil de pesquisa para os historiadores. No México, as peculiaridades desta ligação estão marcadas pela experiência da Revolução Mexicana e pela estrutura política construída no país após 1917. Uma das facetas desta estrutura política é a forte presença do Estado em vários setores da sociedade, inclusive na cultura. Outra característica é a presença dos intelectuais em órgãos estatais, como foi o caso de Jesus Silva Herzog que, desde 1926, ocupou cargos em diferentes governos.

Em sua autobiografia, Silva Herzog coloca como marco inicial do seu interesse por política o ano de 1910, quando ainda não havia completado 18 anos, como admirador de Francisco Madero. Este interesse o levou a acompanhar de perto o processo revolucionário mexicano, não como combatente, mas como jornalista. Foi como correspondente do jornal *Redención*, de San Luís Potosí, que o jovem acompanhou a Convenção Revolucionária de 1914 em *Aguascalientes*. Neste período, apoiou a eleição de Eulalio Gutiérrez como presidente provisório. Acusado de “convencionista”, foi preso e submetido ao Conselho de Guerra em *San Luis Potosí* em 1915. Condenado a oito anos de prisão, só cumpriu alguns meses graças às apelações realizadas em sua defesa por amigos e familiares.

Segundo Roderic A. Camp, a amizade na sociedade mexicana é considerada um “meio pragmático para um fim concreto”. Para este norte-americano, no México, a carreira de uma pessoa depende em grande medida de sua capacidade de adquirir amigos e mentores influentes⁶. Esta afirmação ficou bastante evidente na trajetória do economista mexicano, cujo primeiro emprego na carreira pública no Distrito Federal foi conquistado graças à influência de um amigo em 1918. Para Silva Herzog, “*La revolución, como dijera un general villista, había degenerado en gobierno. Éste atraía poco a poco los puestos públicos a jóvenes intelectuales y a personas maduras exentas de pecados porfiristas o hueristas.*”⁷ O emprego público para intelectuais mexicanos tornou-se um caminho natural, constituindo um aspecto importante das análises das relações entre intelectuais e política. No entanto, é importante destacar desta citação de Silva Herzog que os empregos públicos excluía aqueles que

⁶ CAMP, Roderic A. *Los intelectuales y el Estado en el México del Siglo XX*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1985. p. 34.

⁷ HERZOG, Jesús Silva. *Una vida en la vida de México*. México, D.F.: Siglo Veintiuno editores. 1993. p. 68.

havia participado ou apoiado os “inimigos” da Revolução Mexicana, como Porfirio Díaz e o assassino de Madeiro – general Victoriano Huerta.

Em 1920, Jesús Silva Herzog abandonou o emprego que tinha no Governo do Distrito Federal para dedicar-se ao magistério. Foi professor de inglês, literatura, e só em 1923, passou à Escola Nacional de Agricultura, como professor de economia política. Dois anos mais tarde, começou a lecionar em cursos de verão na Universidade Nacional. A experiência na universidade trouxe a Silva Herzog contato com vários especialistas e principalmente autoridades intelectuais. Assim, ele passou a ser convidado a dar palestras sobre os problemas econômicos mexicanos. Em 1926, foi designado chefe da Seção Técnica da Direção de Escolas Centrais e de Cooperação e Crédito Agrícola, subordinada à Secretaria de Agricultura. Neste posto, ajudou na elaboração da *Ley y del Reglamento de los Bancos Agrícolas Ejidales*, como também na constituição destes primeiros bancos. Neste cargo, Silva Herzog não permaneceu muito tempo; renunciou em solidariedade ao Diretor que havia se desligado por divergências com o secretário de Agricultura.

Jesús Silva Herzog não passou muito tempo longe do aparelho estatal; poucos meses depois voltou à administração pública federal por meio do Departamento de Estatística Nacional. Neste órgão, foi responsável pelo setor de Estatística Econômica e Estatística Social. No cargo, escreveu alguns artigos, deu palestras e publicou um pequeno livro intitulado *Conferencias. Apuntes sobre evolución económica de México*. O Departamento de Estatística Nacional o aproximou de Daniel Cossío Villegas – destacado intelectual mexicano que iria dividir com Jesús Silva Herzog vários projetos como o *Fondo de Cultura Económica* e a revista *Cuadernos Americanos*.

Do Departamento de Estatística, Herzog passou em 1928 para a secretaria de *Hacienda y Crédito Público*, onde era responsável pelo Departamento de Biblioteca e Arquivos Econômicos. Na mesma época fundou, ao lado de outros intelectuais, o *Instituto Mexicano de Investigaciones Económicas*⁸. Apesar de ter vida curta (15 meses), o Instituto produziu uma revista trimestral, denominada *Revista Mexicana de Economía*, que procurava discutir os problemas econômicos não só do México, mas também da América Latina. A revista teve apenas quatro números, mas, segundo Silva Herzog, foi um esforço para conhecer a realidade mexicana. Usando a estrutura do Estado, Herzog conseguiu criar um referencial nacional para assuntos econômicos. A revista e o Instituto reforçaram sua autoridade

⁸ Faziam parte do Instituto: Daniel Cossío Villegas, Pablo González Casanova, Eduardo Villaseñor (mexicanos); Raúl Haya de la Torre (peruano), Julio Antonio Mella (cubano), entre outros. Segundo Jesús Silva Herzog, os participantes tinham diferentes matizes ideológicos – direita, centro e esquerda. *Ibid.*, p. 89.

intelectual, ao mesmo tempo que fortaleceram sua posição na estrutura política do Estado mexicano.

No início do mandato presidencial de Emilio Portes Gil (1928-1930), o economista manifestou interesse em assumir o posto da representação diplomática mexicana na União Soviética. Foi atendido e, em 1929, foi com sua família para Moscou. Ficou, porém, pouco tempo como diplomata na URSS; em 1930, já estava de volta ao México, depois de um pequeno giro pela Europa, onde teve contato com outros institutos econômicos como os Arquivos de Economia de Hamburgo. As observações que fez durante sua estadia na URSS foram publicadas no livro *Aspectos económicos de la Unión Soviética*. Suas impressões sobre a situação da URSS não foram totalmente favoráveis, principalmente quanto a situação da população que enfrentava dificuldades nos transportes e longas filas para comprar pão. Em sua autobiografia, Jesús Silva Herzog relatou uma conversa que teve com Alejandra Kollontai – ministra da URSS na Noruega, que havia conhecido no México e reencontrado em Moscou:

En el curso de la conversación le pregunté: “¿No cree usted que lo que está pasando en Rusia hoy es distinto a lo que pensó Marx?” Me contestó sin vacilación: “No sólo es distinto a lo que pensó Marx, es distinto de lo que pensó Lenin. A nosotros, los que hicimos la Revolución, lo único que nos queda es escribir nuestras memorias.”⁹

Silva Herzog demonstrou decepção com os resultados da Revolução Russa com que havia se deparado. Para ele, a política interior do governo soviético podia ser resumida em três palavras: propaganda, censura e repressão¹⁰. Podemos inferir que esta experiência na capital russa ajudou a definir melhor sua posição política que ele nomeou de Democracia Socialista:

Lo que esperamos que resulte del drama social que tiene hoy por escenario islas y continentes, valles y montañas, el espacio y los mares, es una democracia socialista. El término no es una equivocación, se usa consciente y reflexivamente. Democracia porque gobernará el pueblo dentro de sistemas políticos perfeccionados e imperará la libertad de pensamiento; socialista, porque habrá concluido la era del mercader y ya no será el lucro el supremo resorte de toda acción y todo propósito; porque la propiedad privada existirá solamente cuando sea, como se dijera hace varias décadas en celebrísima encíclica, fruto del trabajo personal; porque lucharemos para alcanzar, como ideal predominante y definitivo la felicidad para todos, compatibles con las limitaciones inherentes a la naturaleza del hombre. Y así se logrará el perfeccionamiento moral, intelectual y físico de la especie humana.¹¹

A experiência na URSS provocou em Jesús Silva Herzog a necessidade de refletir sobre o desafio de equilibrar justiça social e liberdade. A propriedade privada estaria

⁹ Ibid., p.112.

¹⁰ HERZOG, op. cit., p. 119.

¹¹ HERZOG, Jesús Silva. La Revolución Mexicana en crisis. *Cuadernos Americanos*, México – D.F., n. 5, p. 32-55, sept. /oct. 1943.

subordinada à sua importância econômica para a sociedade, e não voltada para o lucro estritamente individual. Reassumia seu compromisso com o socialismo, mas não com a experiência soviética. Como intelectual, a liberdade de pensamento e expressão também eram valores de grande importância na sua vida pública. Essas duas perspectivas de ação são perceptíveis em uma visão retrospectiva da vida de Jesús Silva Herzog. Como socialista, defendeu e atuou na nacionalização do petróleo mexicano e na melhoria de vida dos camponeses; em defesa da liberdade de pensamento, fundou uma revista de alcance internacional que está em vigor até hoje – *Cuadernos Americanos*.

A nacionalização do Petróleo

Foi no governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) que a questão petrolífera alcançou o ápice no enfrentamento dos interesses externos, finalizando com sua nacionalização. A origem do conflito entre o governo mexicano e as empresas petrolíferas era antiga, tendo se acentuado depois da Constituição Mexicana de 1917 que, no parágrafo IV do artigo 27, declarava que os depósitos petrolíferos eram propriedade da nação. A produção de petróleo nas duas primeiras décadas do século XX enfrentou dificuldades, tendo sofrido retração a partir de 1922. No entanto, em 1930 foram descobertos novos reservatórios em *Poza Rica*, o que levou os empresários ingleses e norte-americanos a tentarem negociações com o governo, a fim de que suas atividades de exploração permanecessem.

Apesar de ter sido aprovada uma lei de expropriação do petróleo pelo Congresso mexicano em 1936, o Governo Cárdenas não havia demonstrado intenções de a usar contra as companhias petrolíferas. O estopim para o conflito foi gerado por questões trabalhistas, em um choque entre operários mexicanos e as empresas¹². Segundo Jesús Silva Herzog¹³, em 1935 operavam no México mais de vinte diferentes companhias de petróleo. As principais eram Companhia Mexicana de Petróleo El Águila – subsidiária da Royal Dutch Shell; Huaesteca Petroleum Co. – subsidiária da Standart Oil e a americana Sinclair. Cada companhia tinha seu próprio contrato de trabalho com seus empregados, o que gerava uma multiplicidade de regras, acordos, benefícios e diferenças salariais. Existia um aspecto das relações de trabalho na área do petróleo bastante significativo que era a diferença nas

¹² CARMIN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. *À sombra da revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. SP: Edusp, 2000.

¹³ Para seguir a descrição dos acontecimentos segundo a perspectiva de Jesús Silva Herzog ver: HERZOG, Jesús Silva. La epopeya del Petróleo en México. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 1, p. 7- 63, enero/feb. 1953. Ver também: HERZOG, J. Silva. *Petróleo mexicano: historia de un problema*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1941.

condições de trabalho e de vida entre os empregados estrangeiros e os mexicanos. Os mexicanos sofriam com baixos salários, péssimas condições de moradia, além de sofrer com a escassez de água potável. Como consequência, eram vítimas de paludismo e problemas no aparelho digestivo por causa das más condições sanitárias a que estavam expostos.

Em 1936, os trabalhadores mexicanos fundaram o Sindicato de Trabalhadores Petroleiros da República Mexicana e passaram a exigir um contrato coletivo de trabalho. Em 1937, declararam greve e, em menos de uma semana, o México sofria com a falta de combustível, o que ameaçava a continuidade das atividades econômicas e sociais do país. O governo federal neste momento solicitou ao Sindicato que os trabalhadores voltassem ao trabalho e submetessem suas reivindicações à Junta Federal de Conciliação e Arbitragem por Conflito de Ordem Econômica. A Junta nomeou três peritos para estudar o assunto: Efraín Buenrostro – Subsecretário da Fazenda e Crédito Público; Mariano Moctezuma – Secretário da Economia Nacional e Jesús Silva Herzog que, na época, exercia a função de Conselheiro do Secretário da Fazenda¹⁴. A equipe de peritos elaborou seu parecer e fixou um valor que considerava adequado para a solução do conflito. Os trabalhadores aceitaram, mas as empresas petrolíferas não. O Tribunal acatou a sugestão dos peritos e as empresas se negaram a cumprir a determinação legal. Esta situação deixava o governo mexicano em posição delicada, porque as empresas estrangeiras passaram a desafiar abertamente as decisões da corte mexicana. Diante da situação política que se armou o Presidente da República anunciou a expropriação das empresas petrolíferas em 18 de março de 1938.

O governo recebeu demonstrações de apoio de diversos setores da sociedade mexicana, incluindo trabalhadores, imprensa, estudantes e até da Igreja. Por outro lado, o petróleo mexicano sofreu boicote internacional, além da forte campanha negativa que a imprensa internacional executou. A situação acabou sendo contornada pela atitude do governo de Franklin Delano Roosevelt que, agindo segundo a política da boa vizinhança, reconheceu o direito de expropriação mexicana. Outro fator positivo que aliviou a tensão foi o fato de que o petróleo mexicano conseguiu novos mercados, negociando com Alemanha e Itália. Além destes novos mercados, a produção da Pemex foi absorvida, na maior parte, pelo mercado interno em expansão¹⁵.

¹⁴ Jesús Silva Herzog procurou investigar o problema relacionado ao petróleo no México para além das questões circunstanciais. Sobre este tema proferiu palestras, escreveu artigos e publicou o livro *Petróleo mexicano: historia de un problema*. México: Fondo de Cultura Económica, 1941.

¹⁵ Ver: VÁZQUEZ, Josefina Zoraida; MEYER, Lorenzo. *México frente a Estados Unidos: un ensayo histórico, 1776-2000*. México, D.F.: FCE, 2001. p. 175.

Neste episódio, Jesús Silva Herzog atuou como perito e também defensor das ações do governo de Lázaro Cárdenas. As atitudes do presidente foram amplamente justificadas pelo economista mexicano em palestras que fez como especialista em economia política. O papel que Silva Herzog desempenhou no caso da nacionalização do petróleo ia ao encontro do que ele pensava ser dever do intelectual, ou seja, usar sua capacidade para melhorar a vida da coletividade. Em 1944, o economista definiu da seguinte forma o dever do intelectual:

El intelectual debe ser leal y honesto, honesto consigo mismo y leal con sus semejantes; debe poner sus conocimientos, su amor y su afán íntegra y generosamente al servicio del hombre, del hombre en plural, en sentido colectivo; y no debe olvidar, ni por un momento siquiera, que para el logro de tan altos fines es preciso destruir el imperio del mercader, es preciso rebasar la etapa de las desigualdades artificiales, irritantes y antihumanas.¹⁶

As funções executadas por Silva Herzog no governo mexicano iam no sentido de superar as desigualdades geradas pelo mercado, e na promoção da justiça e da coletividade. Esse era o objetivo do trabalho do intelectual no governo e também o que justificava sua permanência na administração pública.

Para Silva Herzog, o ano de 1938 foi o ponto mais alto da trajetória progressista dos governos revolucionários mexicanos. A partir deste momento, segundo o economista, Cárdenas foi cedendo espaço à burguesia nacional que lentamente se recuperava do golpe sofrido com as reformas econômicas e sociais implementadas pelos governos revolucionários¹⁷.

A Revolução Mexicana e os governos revolucionários foram tema de vários estudos e palestras de Jesús Silva Herzog¹⁸. Para o intelectual, o movimento havia sido gerado por “[...] fome de terra, de pão e de justiça.” As ideias socializantes não foram o mote do movimento, mas construídas no decorrer do processo¹⁹:

El pensamiento socializante de la Revolución, nebuloso durante los primeros meses, no nació de la mente de sus jefes sino del dolor de las masas desesperadas y hambrientas. Tal vez deba hacerse una excepción con respecto al zapatismo, ya que

¹⁶ HERZOG, Jesús Silva. Lealtad del Intelectual (Mesa rodante). *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 3, p. 38, mayo/jun. 1944.

¹⁷ HERZOG, Jesús Silva. *Trayectoria ideológica de la revolución mexicana*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1994.

¹⁸ Ver a análise da obra de Herzog sob a perspectiva da Historiografia da Revolução Mexicana em BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; LOPES, Maria Aparecida de Souza. A historiografia da revolução mexicana no limiar do século XXI: tendências gerais e novas perspectivas. *História*, São Paulo, n. 20, p. 163- 198, 2001.

¹⁹ HERZOG, Jesús Silva. La revolución mexicana en crisis. *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 5, p. 32-55, sept./oct. 1943.

desde su iniciación tuvo un ideal absolutamente claro, ideal que sus caudillos sintetizaron en estas dos palabras: tierra y libertad.

Silva Herzog era defensor de que a Revolução Mexicana havia trazido mudanças sociais, econômicas e não apenas políticas. Terminada a luta, houve a necessidade de reconstruir o país e, para dar-se um mínimo de coesão, foram necessárias mudanças que pudessem de alguma forma aliviar a tensão dos menos favorecidos. Segundo Silva Herzog, foi o que Venustiano Carranza e os outros governos revolucionários fizeram.

O economista mexicano divide o período revolucionário de 1910 a 1917 em três etapas: madeirista, constitucionalista e a de luta de facções. Depois, o período dos governos revolucionários que foi de Carranza até o final do mandato de Lázaro Cárdenas. Na sua opinião, o governo do general Manuel Ávila Camacho foi um governo de transição, principalmente por ter ocorrido no período da Segunda Guerra²⁰. Os governos seguintes seriam pós-revolucionários e até neo-porfiristas²¹.

É preciso destacar que, para Silva Herzog, o melhor presidente foi Lázaro Cárdenas não apenas pela nacionalização do petróleo, mas também pela ampliação da Reforma Agrária e pela política externa caracterizada pela independência, solidariedade aos povos vítimas de conflitos e acolhimento de refugiados como os republicanos espanhóis. No entanto, na opinião deste intelectual, não houve governo socialista, mas reformista. Embora tivesse havido avanços, estes eram tímidos, se comparados com o que poderia ter sido feito.

Impacto da Guerra Civil Espanhola no México

A II Guerra Mundial foi precedida pela Guerra Civil espanhola, que provocou forte impacto nos países Ibero-americanos. A surpresa provocada pelo ataque das forças comandadas pelo General Francisco Franco foi acompanhada pela tomada de posição em relação a um dos lados beligerantes, ou seja, republicanos ou nacionalistas.

Quando foi deflagrada a Guerra Civil Espanhola, o México era governado por Lázaro Cárdenas (1934-1940) que, desde o início, apoiou a República espanhola, defendendo-a por meio de seus representantes diplomáticos na Sociedade das Nações. Nesta organização internacional, a posição majoritária era a de que não se deveria intervir na Guerra Civil, já que se tratava de um conflito interno. Tal posição era defendida pela Inglaterra e França. No

²⁰ Silva Herzog trabalhou na administração pública até 1946 – final do mandato de Manuel Ávila Camacho, o governo de transição.

²¹ HERZOG, Jesús Silva. *Una vida en la vida de México*. México, D.F.: Siglo Veintiuno editores. 1993. p. 586.

entanto, os representantes do governo Cárdenas alegavam que a guerra espanhola era um problema da política internacional, pois os nacionalistas, liderados pelo general Francisco Franco, recebiam ajuda direta tanto da Alemanha quanto da Itália. Segundo a perspectiva mexicana, havia distinção entre governos agressores (Itália e Alemanha) e agredidos (República espanhola) nesse conflito; portanto, lutar a favor da República espanhola significava lutar contra o avanço do fascismo na Europa. O México defendeu esta posição perante a Sociedade das Nações.

Em junho de 1937, o México recebeu cerca de 480 crianças espanholas fugidas dos bombardeios intensos que a Espanha sofria por parte dos aviões alemães, aliados das forças franquistas. Algumas eram órfãs de pais, mortos durante o conflito; outras, foram os pais que as mandaram para fora do país, com o objetivo de protegê-las. Além da acolhida às crianças e das manifestações em apoio à República espanhola junto à Sociedade das Nações, o governo Cárdenas também enviou cerca de 20.000 fuzis e 20 milhões de cartuchos para os republicanos.

No entanto, o ato que mais caracterizou a solidariedade do governo mexicano aos republicanos espanhóis foi o recebimento de aproximadamente vinte mil refugiados e exilados²². No final de 1937, o presidente do governo espanhol – Juan Negrín – encarregou Juan Simeón Vidarte, secretário geral do PSOE (Partido Socialista Obrero Español) e homem de sua confiança, de uma missão secreta junto ao presidente Cárdenas. Simeón Vidarte conseguiu um encontro com Cárdenas em que pode averiguar, no caso de uma derrota, se o México estaria disposto a receber refugiados e exilados republicanos espanhóis. Segundo Simón Vidarte²³, a resposta de Cárdenas foi a seguinte:

Si ese momento llegar puede usted decir a su Gobierno que los republicanos españoles encontrarán en México una segunda patria. Les abriremos los brazos con la emoción y cariño que su noble lucha por la libertad y la independencia de su país merecen [...] Podrán ejercer sus profesiones como si hubieran obtenido sus títulos en nuestras universidades y la Universidad mexicana se honrará abriendo sus puertas

²² É difícil estabelecer uma diferença precisa entre refugiado e exilado. O autor Bruno Groppa fez uma retrospectiva sobre os termos e suas variações entre os séculos XIX e XX. Para Groppa, o exilado pode ser um refugiado político, mas nem todo refugiado é um exilado político. A palavra exílio traz uma conotação de banimento. O exílio é um afastamento da pátria para fugir de perseguição, violência, morte ou prisão. Os exilados políticos, segundo Groppa, se caracterizam por um forte vínculo ao país de origem e vontade de continuar lutando contra o regime responsável pelo seu exílio. Eles aspiram o retorno. GROPPA, Bruno. Os exílios europeus no século XX. *Revista Diálogos*, DH/PPH e UEM, Maringá, v. 6, n. 1, p. 69-100, 2002. Para Edward Said, o termo refugiado sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorreada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo “exilado” traz consigo um toque de solidão e espiritualidade. SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 54.

²³ VIDARTE, Juan Simón. *Todos fuimos culpables*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1973. p. 765

a los catedráticos a los que, por amor a libertad y la independencia de su país, les sea imposible vivir en España.

Em 1939, chegaram as três primeiras expedições de refugiados e exilados, saídos dos campos de refugiados na França. Foram os navios *Sinaia*, com 1.599 passageiros; o *Ipanema*, com 994; e o *Mexique*, com cerca de 4.660 refugiados²⁴. Destes imigrantes, 14% eram classificados como intelectuais e artistas e outros 14%, como profissionais liberais, somando um total de 28% com educação superior, uma porcentagem alta, o que reforça a ideia de que no México se estabeleceu a elite intelectual espanhola²⁵. Vale destacarmos que essa elite não formava a maioria dos que entraram no México em decorrência da Guerra Civil espanhola, pois a maioria deles era de operários, artesãos, trabalhadores com algum tipo de especialização (32%) e trabalhadores agrícolas (20%).

Uma das preocupações do governo mexicano era atrair um número considerável de intelectuais e cientistas espanhóis que pudesse contribuir, de alguma forma, para o desenvolvimento da pesquisa e educação no México. Essa intenção não passou despercebida por outros intelectuais mexicanos, que fizeram a ponte para a entrada desses profissionais republicanos no México. O exemplo mais notável de uma política de acolhida para intelectuais espanhóis foi a criação da *Casa de España*, que depois se tornaria *El Colegio de México*.

Segundo Ana González Neira²⁶, a iniciativa da criação da *Casa de España* partiu, ainda em 30 de setembro de 1936, de Daniel Cosío Villegas, quando este exercia o cargo de encarregado de negócios da embaixada mexicana em Lisboa. Cosío Villegas escreveu para o secretário de comunicações do seu governo, sugerindo o convite a cinco ou dez dos mais iminentes cientistas espanhóis para trabalharem no México. Os nomes indicados por ele foram Fernando de los Ríos, embaixador em Washington; Cláudio Sánchez Albornoz, destacado historiador e embaixador em Portugal; Enrique Díez Canedo, literato, crítico de arte e embaixador na Argentina; Zulueta, destacado pedagogo e embaixador no Vaticano; Gregório Marañón, importante médico; e o doutor Hernando. Daniel Cosío Villegas concluiu sua proposta da seguinte forma²⁷:

²⁴ CAUDET, Francisco. *El exilio republicano en México: las revistas literarias, 1939-1971*. Madrid: Fundación Banco Exterior, 1992.

²⁵ *Ibid.*, p. 18-19.

²⁶ NEIRA, Ana Gonzalez. *Cuadernos americanos y la hemerografía del exilio*. 2008. Tesis (Doctorado)-Facultad de Humanidades y Ciencias de la Comunicación, Departamento de Historia, Literatura y Pensamiento, Universidad San Pablo – CEU, Madrid, 2008.

²⁷ LIDA, Clara. *La casa de España en México*. México, D.F.: Editorial El Colegio de México, 1988, p. 26. apud NEIRA, op. cit.

Tendríamos un rasgo que provocaría simpatía en todo el mundo, como la provocó para varias universidades extranjeras haber recogido a los sabios alemanes expulsados por el hitlerismo, daríamos muestra de simpatía al régimen liberal vencido y no nos enajenaríamos la mala voluntad de los vencedores. Al mismo tiempo, adquiriríamos diez hombres de primera línea, que nos ayudarían a levantar el nivel de nuestra cultura, tan decaído de hace tantos años.

Cosío Villegas, firme no seu propósito de trazer esses espanhóis, escreveu ao diretor do Banco do México, seu amigo Luis Montes de Orca, procurando convencê-lo de que tal investimento não seria muito custoso e poderia trazer muitos lucros para vários setores da sociedade mexicana. Os esforços de Daniel Cosío Villegas renderam frutos e, em 1º de julho de 1938, o presidente Lázaro Cárdenas assinou documento para a criação do *Centro Español de Estudios*, que depois receberia o nome de *Casa de España*²⁸.

A *Casa de España* seria administrada por Eduardo Villaseñor, subsecretário da Fazenda, representando o Governo Federal; por Gustavo Baz, reitor da *Universidad Nacional de México* (UNAM), e pelo Dr. Enrique Arreguín, presidente do *Consejo Nacional de Enseñanza Superior y de Investigación Científica*. Ficou estabelecido ainda que na ausência de Eduardo Villaseñor, Daniel Cosío Villegas representaria o Governo Federal. O financiamento para o funcionamento da casa ficaria a cargo da Secretaria da Educação Pública, do Banco do México, da UNAM e da editora *Fondo de Cultura Económica* (FCE).

Em março de 1939, Alfonso Reyes assumiu a direção da Casa e, ajudado por Cosío Villegas, esforçou-se para integrar os exilados no ambiente acadêmico e intelectual mexicano.

Com o final da Guerra Civil Espanhola, a *Casa de España* recebeu outros intelectuais e, depois de algum tempo, os recursos para a *Casa* se tornaram escassos. Além dessa dificuldade, crescia a crítica vinda de intelectuais mexicanos, que se consideravam em posição de inferioridade em relação aos espanhóis quanto ao apoio recebido do governo. A pressão interna e externa (contínua chegada de intelectuais espanhóis) obrigou o governo e a administração da *Casa* a repensar seu formato. A solução encontrada foi transformá-la em uma associação civil, sem fins lucrativos, independente do governo: ela passaria a ser dirigida

²⁸ Os primeiros membros da *Casa de España* foram: Luis Recaséns Siches, jurista; León Felipe, poeta; José Moreno Villa, poeta; Enrique Díez-Canedo, poeta; José Gaos, filósofo; José Maria Ots Capdequí, jurista; Ricardo Gutiérrez Abascal (Juan de la Encima), crítico literário; Gonzalo L. Lafora, médico; Isaac Costero, médico; Jesús Bal y Gay, musicólogo; Adolfo Salazar, historiador e crítico musical e Agustín Millares Carlo, paleógrafo. Depois de alguns meses foram incluídos: María Zambrano, filósofo; Joaquín Xirau, filósofo; Juan José Domenchina, literato; José Bergamín, literato; José Carner, literato; Benjamín Jarnés y Rafael Sánchez de Ocaña, literato; José Medina Echavarría, sociólogo; Juan Roura Parella, pedagogo; Ignacio Bolívar, cientista; Antonio Oriol, cientista; Rosendo Carrasco Hormiguera, cientista e Jaime Pi-Suñer, cientista. NEIRA, op. cit.

por uma *Junta* de intelectuais presidida por Alfonso Reyes, e o seu secretário seria Daniel Cosío Villegas.

Em 08 de outubro de 1940, nasceu o *Colégio de México* e nele permaneceram apenas os intelectuais exilados que haviam chegado em 1938; os demais foram encaminhados a outros centros de ensino superior e pesquisa e alguns imigraram para outros países, especialmente para os EUA²⁹.

A situação dos exilados intelectuais era privilegiada em comparação com a de outros grupos espanhóis. Aqui, podemos notar a importância das redes de intelectuais em situação de exílio forçado. Alfonso Reyes era muito prestigiado no meio acadêmico mexicano e possuía relações com intelectuais de vários países. Tanto Reyes quanto Cosío Villegas já haviam viajado à Espanha e mantinham contato com os acadêmicos de lá. Além disso, possuíam trânsito no governo de Lázaro Cárdenas e puderam se valer dessa influência interna para, por meio de suas redes de contatos externos, favorecer os colegas espanhóis, ao mesmo tempo em que contribuía para o fortalecimento da posição do México no universo cultural internacional da época.

Jesús Silva Herzog e *Cuadernos Americanos*

A revista *Cuadernos Americanos* surgiu em 1942 em um contexto político específico que explica os motivos de sua criação. Ela é fruto do encontro de Juan Larrea, poeta espanhol exilado no México, com Jesús Silva Herzog. Dessa forma, *CA* é produto do encontro de intelectuais que tinham como objetivo intervir, por meio de suas publicações, no contexto político da época. Na revista atuavam republicanos espanhóis exilados no México, após serem obrigados a deixar a sua pátria por causa das vitórias dos nacionalistas, no decorrer da Guerra Civil. Esses espanhóis alimentavam a esperança de derrotar o franquismo a partir do exterior. Na revista, também participavam mexicanos preocupados com os rumos da América Ibérica no tocante a relações de poder e influência política após o final da Segunda Guerra Mundial. Vale ressaltarmos que, no momento em que a revista foi criada, ainda era bastante incerto quais seriam os vencedores da guerra.

Desde os primeiros momentos de exílio, ainda nos campos de refugiados da França, os republicanos espanhóis elaboraram veículos de comunicação capazes de mantê-los em contato com centros culturais de ambos os lados do Atlântico e, ao mesmo tempo,

²⁹ ALTED, Alicia. *La voz de los vencidos: el exilio republicano de 1939*. Buenos Aires: Aguilar, 2005.

denunciar a situação da Espanha e dos exilados. Em decorrência disso, em 1939, foi criada, em Paris, a *Junta de Cultura Española (JCE)*, que contou com ajuda da *SERE*³⁰. O objetivo da *JCE* era fomentar a cultura espanhola no exílio, especialmente no México, o maior receptor de exilados, e criar instituições que pudessem oferecer a esses exilados acesso ao trabalho, à educação e à cultura. As ações da *JCE*, no México, resultaram na criação da editora Séneca³¹, da revista *España Peregrina*, de alguns colégios destinados aos filhos dos exilados e de numerosas atividades teatrais, musicais e artísticas.

José Bergamín, José Carner, Juan Larrea e Eugenio Imaz, membros fundadores da *JCE*, eram os responsáveis pela publicação da revista³². Ela circulou, principalmente, entre os exilados e abordava temas relacionados à tragédia que havia se abatido sobre o povo espanhol, dando destaque para a importância da unidade dos intelectuais exilados, para a defesa da República e para a tentativa de sensibilizar os povos de fala espanhola em relação à solidariedade, no sentido de salvar os valores que representavam a Espanha do exílio³³. Sua periodicidade era mensal; porém, em decorrência de problemas financeiros e diante das dificuldades para custear os números 8 e 9, a publicação deixou de circular a partir do número 10³⁴.

Como responsável por *España Peregrina*, Juan Larrea buscou alternativas que viabilizassem financeiramente o periódico: precisava de anunciantes ou de financiadores. Consultou o poeta mexicano Bernardo Ortiz de Montellano sobre quem poderia dar tal suporte a *España Peregrina* e o nome que obteve foi o de Jesús Silva Herzog que, na época,

³⁰ A sigla significa SERE (Servicio de Evacuación de los Republicanos Españoles). Desenvolveu suas atividades no México através de sua filial CTARE (Comité Técnico de Ayuda a los Republicanos Españoles).

³¹ A editorial Séneca foi constituída no México em 12 de janeiro de 1940. Faziam parte da direção e administração da sociedade Don Enrique Rioja Lo Bianco, Mr. Jay Allen, Don Eduardo Ugarte Pagés, Don Octavio Barrera e Don José Bergamín Gutiérrez. Como gerente da Editorial Séneca ficou designado Daniel Cosío Villegas e como comissário Don José María Dorronsoro y Dorronsoro. CAUDET, op. cit.

³² A revista contava com dezesseis conselheiros: Juan M. Aguilar, Roberto F. Balbuena, Corpus Barga, Pedro Carrasco, Garrorena, José M. Gallegos, Rodolfo Halffter, Emilio Herrera, Manuel Márquez, Agustín Millares, Tomás Navarro Tomás, Isabel O. de Palencia, Pablo Picasso, Augusto Pi y Suñer, Enrique Rioja, Luis A. Santullano, Ricardo Vinós y Joaquín Xirau. Ver CAUDET, op. cit.

³³ Francisco Caudet em seu livro sobre as revistas literárias no exílio, transcreve o editorial do primeiro número da revista *España Peregrina*. A seguir, reproduzimos um trecho para exemplificar os objetivos do periódico: “Por eso nosotros, intelectuales españoles, herederos en el espíritu de los afanes de nuestro pueblo, participantes de la voluntad española de alzarse hasta un mundo en que luzca en todo su esplendor la dignidad del ser humano, proclamamos públicamente nuestra decisión de no perdonar esfuerzo ni sacrificio que pueda conducir al triunfo de la causa universalizada de España en su territorio y en orbe. [...] Muy en particular nos dirigimos a vosotros, pueblos de América, incorporados materialmente a la universalidad por el esfuerzo creador de España. [...] Entre vosotros nos hallamos movidos por un mismo designio histórico, consagrados a una empresa similar de mundo nuevo. Aquí está nuestra voz, nuestra verdad, nuestro horizonte. Llevamos un mismo camino. ¡Ojalá nos hermanemos en una sola marcha!”. Ver CAUDET, op. cit.

³⁴ O número 10 da revista foi impresso somente em 1977.

atuava na Comissão de Estudos Financeiros, ligada à Secretaria da Fazenda, com Bernardo Ortiz.

Em fevereiro de 1941, Juan Larrea, León Felipe e Bernard Ortiz de Montellano visitaram Jesús Silva Herzog com o objetivo de pedir sua ajuda financeira. No primeiro encontro, nada foi resolvido e Jesús Silva Herzog propôs uma nova reunião. No segundo encontro, Juan Larrea continuou expondo as dificuldades de publicação de *España Peregrina* e a necessidade de sobrevivência de um periódico editado por espanhóis e hispano-americanos que tratasse dos problemas do momento. No terceiro encontro, Silva Herzog propôs que deixassem de publicar *España Peregrina* e que eles e mais um grupo de mexicanos se aventurassem na publicação de uma nova revista, mais ousada, de âmbito internacional. Houve certa resistência, mas a proposta acabou sendo aceita. Ficou decidido que a nova revista seria dirigida por duas pessoas: um mexicano, Bernardo Ortiz de Montellano, e um espanhol, Juan Larrea. Jesús Silva Herzog ficaria com a tarefa de cuidar da parte material e administrativa.

Para o financiamento dessa nova revista, foi descartada a hipótese de um mecenas ou de uma instituição poderosa, como o governo federal, para evitar que a autonomia fosse comprometida. Jesús Silva Herzog³⁵ descreveu a busca por financiamento da seguinte forma:

En el curso de varias semanas hablé por teléfono, en sobremesa de desayunos o comidas con treinta y cuatro personas y solamente una me falló. De esta manera, en cuanto reuní los primeros 17.000 pesos, incluyendo mi propia contribución, se hizo un contrato de fideicomiso con estipulaciones se señaló en el contrato que el fideicomiso duraría 30 años, pasando después los bienes que existiesen a la Universidad Nacional Autónoma de México.

Algunos contribuyentes, los riquitos, dieron desde luego los 500 pesos, otros, los pobretones, pagaron en abonos mensuales de 100 pesos.

A influência pessoal de Silva Herzog foi fundamental para a arrecadação de fundos que possibilitassem a edição dessa nova revista. No entanto, os espanhóis não conseguiram levantar os cinquenta por cento que lhes cabiam para a criação do periódico; apenas puderam contar com dois mil pesos obtidos junto ao diretor da SERE. Em virtude desse desequilíbrio orçamentário, houve uma divisão dos poderes da seguinte forma: a direção da revista coube a Jesús Silva Herzog, e Juan Larrea ocupou o cargo de secretário. A “junta de governo” da revista era composta pelos seguintes integrantes: Pedro Bosch Gimpera, ex-reitor da Universidade de Barcelona; Daniel Cosío Villegas, diretor geral da FCE; Mário de la Cueva, reitor da UNAM; Manuel Márquez, ex-decano da Universidade de Madrid; Manuel

³⁵ HERZOG, Jesús Silva. *Una vida en la vida de México*. México D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1993.

Martínez Baéz, presidente da acadêmica de Medicina do México; Agustín Millares Carlo, catedrático da Universidade de Madrid; Bernardo Ortiz de Montellano, ex-diretor da revista mexicana *Contemporáneos*; Alfonso Reyes, presidente do Colégio de México; Juan Larrea, poeta e ex-secretário do Arquivo Histórico Nacional de Madrid; Jesús Silva Herzog, diretor da Escola Nacional de Economia de México³⁶.

O nome da revista *Cuadernos Americanos* foi sugerido por Alfonso Reyes. Segundo Silva Herzog, a divisão da revista em seções (*Nuestro Tiempo*, *Aventura del Pensamiento*, *Presencia del Pasado y Dimensión Imaginaria*) foi resultado de discussões realizadas entre Ortiz de Montellano, Larrea, León Felipe, Eugenio Imaz e ele próprio.

A capa da revista foi sugerida por Juan Larrea e representava as ondas do mar, simbolizando as duas margens do Atlântico, unidas pelo periódico. Chama atenção a simplicidade do desenho: apenas a representação das ondas com variação do colorido.

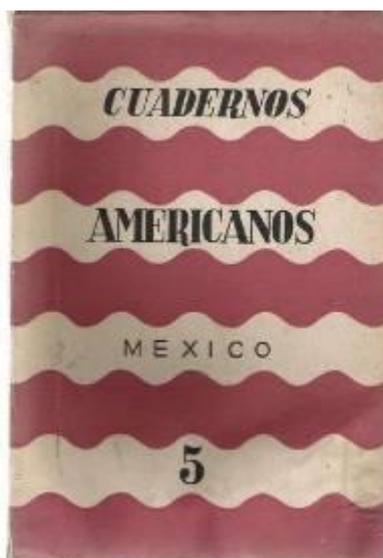


Figura 1: *Cuadernos Americanos*, n. 5

Não deixa de ser significativa a publicação de propaganda de revistas culturais hispano-americanas de outros países no painel cultural de CA. Nesse sentido, vale mencionarmos as revistas e as editoras que eram divulgadas em CA: as argentinas *Sur* e *Realidad* e a editora Losada; a costa-riquenha *Repertorio Americano*; a editora porto-riquenha *Centro de Investigaciones Sociales* e a revista norte-americana *Revista Hispánica Moderna*. Além dessas publicações mencionadas, apareciam, nas páginas destinadas à publicidade, anúncios da *Revista de História de América*, uma publicação da *Comissão de História do*

³⁶ HERZOG, op. cit.

Instituto Pan-americano de Geografía e Historia, com sede no México D.F., e da *Revista de Filología Hispánica*, edição conjunta dos Estados Unidos e do México³⁷.

Ainda com relação à circulação da revista *Cuadernos Americanos*, cabe salientar que ela foi proibida de circular em países governados por ditadores. Em entrevista concedida a Luís Suárez para o diário *Novedades* de 18 de janeiro de 1959, Jesús Silva Herzog³⁸ comentou sobre as dificuldades de circulação da revista e a devolução que muitos livreiros faziam do periódico:

En Argentina, cuando el país estaba bajo la dictadura de Perón, devolvieron los ejemplares en dos ocasiones, y en una eran 500. Escribí al embajador de México, que habló con Perón. Éste consintió después en la circulación de la revista, pero no de los números que había prohibido y devuelto.

[...]

De Venezuela devolvían los números, hasta que Pérez Jiménez prohibió la revista completamente.

[...]

[En Perú sob o governo de Odría] Mandaba la revista a un librero. Éste, aprovechando el viaje de un amigo a México, me mandó un recado diciéndome que por favor ya no insistiera, porque lo habían encarcelado debido a que tenía Cuadernos Americanos en el establecimiento.

[...]

[Espanha] Entra si va dirigida a particulares; no a vendedores. Los paquetes que se han mandado a librerías reciben la vista de la censura, y en seguida la decomisan. De manera que algunos españoles tienen Cuadernos porque son suscriptores en relación directa con nosotros. Ahora también se permite que la revista llegue a las bibliotecas.

Pelo relato, percebemos que havia um esforço da parte dos editores para conseguir ampla circulação da revista na Ibero-América.

Os textos publicados nas duas revistas foram escritos, em muitos casos, por autores de grande projeção na época. Mas eles eram publicados a convite do corpo editorial e após o aceite dos seus membros. Para a publicação acontecer deveria haver afinidade, ainda que mínima, de ideias entre os “colaboradores” e os membros da equipe editorial.

A propósito desta afinidade Jean-François Sirinelli afirma³⁹:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece.

³⁷ NEIRA, op. cit.

³⁸ HERZOG, op. cit.

³⁹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

No caso de CA, o elemento exílio se configura como um dado importante no que se refere aos contatos entre intelectuais de diferentes nacionalidades, o que resultou na criação de redes de solidariedades, com o objetivo de possibilitar a sobrevivência de muitos deles através da indicação para trabalhos remunerados e também para a continuidade e expansão das atividades intelectuais e políticas⁴⁰.

CA, além de ser uma empresa editorial, foi um empreendimento cultural, como afirmou Liliana Weinberg⁴¹. Nesse sentido, deve ser compreendida na sua articulação com o complexo formado por *Fondo de Cultura Económica*, *Casa de España*, depois convertida em *Colégio de México*, e pela *Escola de Economía* da UNAM.

Essas quatro instituições tinham como pilares de apoio três intelectuais que atuaram na respectiva criação de cada uma delas: Alfonso Reyes (Colégio de México), Daniel Cosío Villegas (Diretor do Fondo de Cultura Económica) e Jesús Silva Herzog (Diretor de *Cuadernos Americanos*).

Como já foi apontado antes, Daniel Cosío Villegas teve papel fundamental na entrada de intelectuais espanhóis no México e na criação da *Casa de España* e *Fondo de Cultura Económica*. Ele também atuou na organização das revistas *Foro Internacional*, *El Trimestre Económico* e *Historia Mexicana*⁴².

Surgimento do *Fondo de Cultura Económica*

A criação do FCE se deu em setembro de 1934, por iniciativa de Daniel Cosío Villegas e de Eduardo Villaseñor. A primeira equipe administrativa contava com a presença de Gonzalo Robles, Emigdio Martínez Adame, Manuel Gómez Morín e Carlos Prieto, além dos seus fundadores. Meses depois, Manuel Gómez Morín renunciou e Jesús Silva Herzog ocupou seu lugar.

⁴⁰ Ricardo Melgar Bao, ao estudar sobre Haya de la Torre no México, afirma que tais redes possibilitaram que “[...] Haya y otros desterrados pudiesen conseguir trabajo remunerado y atender las cotidianas contingencias de la supervivencia en país ajeno, fuera de potenciar sus expandidas actividades intelectuales y políticas.” MELGAR BAO, Ricardo. *Redes y espacio público transfronterizo*. In: CASAÚS ARZÚ, Marta Ele; PÉREZ LEDESMA, Manuel (Ed.). *Redes intelectuales y formación de naciones en España y América Latina (1890-1940)*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 2004. p. 66-67.

⁴¹ WEINBERG, Liliana. El encuentro de un escritor y una revista: Alfonso Reyes y Cuadernos Americanos. In: CRESPO, Regina (Coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México, D.F.: CIALC/Eón Editores, 2010. p. 293-317.

⁴² Como observa José Rogelio Álvarez, “Cosío Villegas es único porque no sólo era él mismo un intelectual, sino que ‘inició proyectos y dirigió instituciones que ayudaron a la actividad intelectual. Su influencia se debió mucho más a sus acciones que a sus ideas.” ROGELIO ÁLVAREZ apud CAMP, Roderic A. *Los intelectuales y el Estado en el México del Siglo XX*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1985.

Os recursos que deram origem ao *FCE* vieram, majoritariamente, da Secretaria da Fazenda e do Banco Nacional do México.

Segundo Jesús Silva Herzog, o objetivo da criação do *FCE* era oferecer aos alunos da Escola de Economia livros em espanhol para que eles pudessem se preparar adequadamente, já que os existentes eram poucos ou antiquados. De início, foram publicados livros em inglês, para os alunos que dominavam o idioma. Aos poucos, a produção foi aumentando, incluindo-se no aumento as traduções. A ampliação do catálogo de livros publicados pelo *Fondo* esteve muito vinculada à entrada de recursos originados de contribuições estatais, segundo o autor⁴³:

Después, poco a poco, vinieron otros libros a medida que conseguíamos nuevas aportaciones. Entre 1937 y 1939 obtuvimos del Banco Agrícola \$40 000.00; y cuando estuve [Jesús Silva Herzog] de gerente general de la Distribuidora de Petróleos Mexicanos obtuve de los compradores de nuestro petróleo \$65 000.00. De suerte que para fines de ese año el capital del Fondo se había elevado – incluyendo utilidades – a \$130 000.00 aproximadamente.

Segundo Jesús Silva Herzog, a direção do *FCE* foi oferecida a Daniel Cosío Villegas depois deste cometer um erro político: Daniel Cosío Villegas estava como encarregado de negócios do México em Lisboa e escreveu uma carta, como amigo, a Ramón Beteta. Nessa carta, Cosío Villegas fazia críticas pouco elogiosas ao governo de Cárdenas. Beteta levou a carta ao presidente e ambos resolveram considerá-la como um documento oficial. Esse episódio tirou Cosío Villegas do trabalho que fazia para o governo em Portugal, fazendo com que retornasse ao México, desempregado⁴⁴.

A maior parte dos integrantes da direção administrativa do *Fondo* ocupava cargos públicos, como, por exemplo, Eduardo Villaseñor, que foi sub-secretário da fazenda e depois diretor geral do Banco do México. Como estratégia para conseguir recursos, os membros da direção do *Fondo* nomeavam o secretário da fazenda como presidente da *Junta de Gobierno* da editora.

Sobre a estratégia para conseguir recursos ao *FCE*, afirmou Jesús Silva Herzog⁴⁵:

Tal vez fue a principios de la década de 1940 cuando nombramos miembro de la Junta de Gobierno a nuestro amigo el licenciado Eduardo Suárez, secretario de Hacienda. [...] Otros miembros de la Junta desempeñábamos cargos de responsabilidad en el gobierno. En consecuencia llegamos a tener poder e influencia. No me es dable precisar las fechas en que en dos ocasiones invitamos a comer en el banco de México a varias personas acaudaladas de la iniciativa

⁴³ HERZOG, op. cit.

⁴⁴ Ibid, p. 484.

⁴⁵ Ibid, p. 485.

privada; tal vez fueron en 1943 o 1944. En cada uno de los convites, Cosío Villegas tomaba la palabra explicando las finalidades del Fondo de Cultura y solicitaba a nombre de la Junta de Gobierno que ayudaran a su consolidación y progreso. [...] Total, muy cerca de medio millón de pesos, de aquellos pesos con un poder de compra muchísimo mayor que los pesitos de noviembre de 1969, fecha en que escribo.

O sucesso da editora *FCE* está muito relacionado à influência política e econômica que seus membros exerciam na estrutura de funcionamento dos aparelhos do Estado. A mesma influência não estava restrita a um governo, como o de Cárdenas, mas perpassava vários governos, como o de Manuel Ávila Camacho, Miguel Alemán Valdés e Adolfo Ruíz Cortines.

Daniel Cosío Villegas se afastou da direção do *FCE* em 1948, quando recebeu uma bolsa da Fundação Rockefeller para escrever a história moderna do México⁴⁶. Ele foi substituído pelo argentino Arnaldo Orfila Reynal, que era encarregado da subsidiária da editora *FCE* em Buenos Aires. Até 1962, as decisões e os rumos da editora eram tomados pela comissão administrativa (junta de gobierno) já citada. Em 27 de fevereiro de 1962, foi anunciado um acordo entre o secretário da fazenda e o Banco do México em que a estrutura do fideicomisso que gerenciava a editora teve profundas mudanças. Entre elas, a mais significativa foi a constituição de um comitê técnico para gerenciar a editora, retirando todas as funções da antiga comissão administrativa.

As mudanças operadas na forma de gerenciamento da editora levaram a demissão de Arnaldo Orfila Reynal⁴⁷, o que provocou forte reação nos intelectuais mexicanos e espanhóis ligados à antiga *Junta de Gobierno* da editora. Em 18 de novembro de 1962, organizou-se um jantar de desagravo a Orfila Reynal, com a presença de homens importantes do cenário intelectual. Segundo Jesús Silva Herzog, participaram do jantar cerca de 500 pessoas, inclusive o historiador argentino e ex-reitor da Universidade de Buenos Aires José Luis Romero. Nesse jantar, foi lançado o projeto da criação de uma nova editora, que se denominaria Siglo XXI.

Até 1962, a editora *FCE* foi um importante veículo desse cruzamento entre intelectuais e homens de Estado. A particularidade dessa editora é que ela integrou um conjunto de ações com o intuito de promover a modernização da cultura e do mercado editorial mexicano. As outras partes desse conjunto estariam no Colégio de México e na revista *Cuadernos Americanos*. É importante observarmos que a finalidade dessas instituições estava centrada na ideia do fortalecimento da cultura nacional, privilegiando seus vínculos

⁴⁶ A saída definitiva de Daniel Cosío Villegas ocorreu em 1952, após quatro anos de licença.

⁴⁷ Foi substituído por Salvador Azuela.

com a espanhola, principalmente aquela representada pelos republicanos espanhóis, e com os elementos da Ibero-América.

Os nomes de Jesús Silva Herzog, Alfonso Reyes, Daniel Cosío Viellas e Juan Larrea vinculados ao nascimento da revista *Cuadernos Americanos* revelam a rede intelectual e a utilização do poder por esses intelectuais, funcionários públicos que estão por trás da constituição dessa importante revista.

A rede intelectual que tornou possível a publicação da revista não evitou disputas internas e críticas externas. Em 1949, Juan Larrea deixou a revista, porque foi para os EUA, motivado pelo recebimento de uma bolsa norte-americana e pela decorrência de problemas pessoais. Sua saída se deu em um momento em que a revista passou a tratar mais de assuntos relacionados aos países americanos, deixando em segundo plano os temas do exílio espanhol. Após o término da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, as posições contrárias ao regime de Franco foram enfraquecendo e os republicanos perceberam que o retorno para a Espanha ficava cada dia mais difícil.

Juan Larrea⁴⁸, inconformado com a direção dada à revista, escreveu uma carta para Jesús Silva Herzog, em que criticou os rumos tomados pela revista e para lembrá-lo de quem era “a verdadeira mãe” da revista: “[...] como ya le escribí en otra ocasión, no faltan razones para considerarme a mí, la 'madre' de Cuadernos ... Supongo que no tendrá usted reparo en reconocerme, inter nos, dicha 'maternidad' [...]”.

Nesta correspondência, o relato exaustivo das atividades desempenhadas por Larrea tinha a finalidade de reivindicar a autoria da revista em face da crescente atribuição a Jesús Silva Herzog que o autor vinha assistindo. O ponto de mudança para a revista foi o final da Guerra, quando Silva Herzog passou a exercer o poder de mando, fazendo com que Larrea se sentisse com menos poder. Para Larrea, a revista foi se tornando cada vez mais “[...] mexicana em sentido estreito e nacional e menos hispânica e mexicana-universal como se pretendia.”⁴⁹

A revista de Juan Larrea e Jesús Silva Herzog seguiu e se caracteriza atualmente como uma referência para todo o continente Americano. Em 1986, com a morte de Herzog, a revista passou a ser publicada pela UNAM, sob a coordenação de Leopoldo Zea, e hoje segue sob o comando de Adalberto Santana.

⁴⁸ Carta de Juan Larrea, de Nova York, para Jesús Silva Herzog, datada de 01 de julho de 1950. Reproduzida por FINISTERRE, Alejandro. Juan Larrea, León Felipe y el cincuentenario de Cuadernos Americanos. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 501. p. 89-99, marzo 1992.

⁴⁹ Ibid., tradução nossa.

Considerações Finais

O México ocupa posição diferenciada em relação aos outros países da América Latina no tocante à censura e à liberdade de pensamento. A continuidade dos projetos acadêmicos e editoriais permitiram que se consolidasse no país um conjunto de instituições voltadas para o pensamento humanista e discussão dos problemas da região. Jesús Silva Herzog foi um dos intelectuais que participou diretamente para este resultado. Sua vinculação com a estrutura estatal foi fundamental para conseguir recursos econômicos e sustentação política.

No início dos anos 1940 existia por parte dos intelectuais a preocupação com o futuro do mundo e, particularmente, com a América Latina. A revista *Cuadernos Americanos* manifestou essa inquietação, principalmente com o que era identificado como o possível fim da Cultura Ocidental. É importante definir o que é a cultura ocidental. Os textos publicados na revista não fizeram nenhuma explanação sobre sua definição, mas se nota claramente que diz respeito à Europa. Para este estudo, adotaremos a definição de Leopoldo Zea⁵⁰, para quem o mundo ocidental significava um conjunto de povos que, na Europa e na América, haviam realizado os ideais culturais e materiais da modernidade, ideais estes que se fizeram patentes a partir do século XVI. Em outro momento, ele resume o capitalismo como o mundo ocidental.⁵¹

Dentro dessa perspectiva, houve um debate sobre a necessidade de criar um pensamento próprio. Jesús Silva Herzog afirmava que havia chegado o tempo da Ibero-américa criar novos valores para o mundo ocidental. Pensando a América como salvação e criação de um novo humanismo, Jesús Silva Herzog⁵² declara ainda:

[...] No parece lógico conforme a la experiencia histórica que el foco de la civilización y la cultura sea para siempre, por todos los siglos, europeo. Después de la tragedia inaudita, las naciones del Viejo Continente están trituradas y desechadas; y es ahora, al Continente Americano, recostado sobre dos océanos, al que le toca recoger y conservar los auténticos valores de Occidente y esforzarse por superarlos, creando nuevos valores, creando un nuevo humanismo consistente en que todos los hombres llenen sus necesidades biológicas, económicas y sociales, que todos tengan igualdad de oportunidades para educarse y alcanzar su mejoramiento en el campo material y en el ancho horizonte de los valores del espíritu.[...].

⁵⁰ FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto apud ZEA, Leopoldo. Nuestra América y el Occidente. In: ZEA, Leopoldo (Comp). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993. v.1.

⁵¹ ZEA, Leopoldo. *América en la conciencia de Europa*. México: [s.e.], 1955.

⁵² SILVA HERZOG, Jesús Silva. ¿Y después de la guerra qué? *Cuadernos Americanos*, México D.F., n. 6, p. 19, nov./dic. 1945.

Salvar a Cultura Ocidental implicaria uma ação de reconhecimento da sua importância e também uma ação de superação através da criação de novos valores. A contribuição americana estaria na busca pela democratização das oportunidades econômicas e culturais. Para Silva Herzog, não era mais aceitável que a velha Europa fosse o epicentro da cultura humana. Era necessário que, nesse momento histórico, a América levantasse a bandeira de novos valores que incluíssem a justiça social.